

REFLEXOS DA CRISE: Presidente do Banco Central condena especulação no mercado financeiro com dinheiro de terceiros

BC vai conter especulação

Gustavo Franco diz que crise o leva a pensar em novas regras para bancos de investimentos

ENTREVISTA

Gustavo Franco

BRASÍLIA. O Banco Central estuda medidas paraibir a atuação dos bancos

de investimento. Em entrevista exclusiva, o presidente do BC, Gustavo Franco, informou que estão em estudo

"regras prudenciais para estimular esses bancos a se aproximarem mais da produção e dos investimentos na economia real, tendo menos incentivo para participar da especulação financeira". Franco recebeu o GLOBO na quinta-feira, abrindo espaço na agenda lotada. Eram 16h

e ele acabara de almoçar um sanduíche. Estava tranqüilo e não demonstrava preocupação com o mercado. Insistiu na necessidade de um ajuste fiscal mais profundo, desmentiu os boatos de quebra de bancos e, mais uma vez, deixou claro que o BC não cogita desvalorizar o real.

Regina Alvarez

O GLOBO: Na semana passada houve algumas notícias muito boas, como o leilão da CPFL, e ainda assim o mercado se manteve muito nervoso. Isso significa que o poder de fogo dos especuladores ainda é muito grande?

GUSTAVO FRANCO: É sempre subjetivo saber o que faz o mercado ficar nervoso. O que se tem é um conjunto de boas e más notícias e cada um tem a sua teoria sobre o que faz o mercado ficar nervoso. Existem as apreensões sobre a Ásia, infundadas ou não elas têm impacto, mas nos mercados de brades (títulos da dívida externa negociados lá fora) do que nos mercados domésticos. Hoje (quinta-feira, 6 de novembro) foi um dia em que nos Estados Unidos a bolsa não foi bem, o que se reflete aqui de uma forma negativa. E o terceiro elemento é o rescaldo da semana passada que foi muito movimentada, com muitas perdas: a focaria de quem ganhou e quem perdeu é muito intensa, seguindo-se a momentos como este. Já existe em momentos normais. Imagine em momentos como este.

• As perdas não deixariam instituições financeiras em situação delicada, com riscos para todo o sistema financeiro?

FRANCO: A maior parte das perdas foi registrada em fundos, que são condomínios de investidores. Quando o fundo perde dinheiro, a cota desvaloriza na proporção da perda e automaticamente o prejuízo é transferido ao investidor em última instância. É mais complicado quando se trata de um banco, que tem acionistas, depositantes de vários tipos, uma estrutura mais complexa de transmissão de resultados àqueles que puseram recursos na instituição. As perdas de fundos são absorvidas de forma automática. O administrador comunica que você investiu tanto, perdeu, correu riscos, comprou cotas de fundos agressivos, faz parte do jogo perder. Também pode ter havido alguma perda significativa em bancos de investimento, administradores desses fundos. São instituições supercapitalizadas e com patrimônio, que não causam preocupação. O prejuízo é parte do jogo.

• Não é muito perigoso operar com esse nível de risco?

FRANCO: O que talvez tenha aparecido como lição importante nessa crise é o fato de que eventos como esse ensinam ao mercado o valor da prudência, do conservadorismo e estimulam no público o gosto pelo administrador de recursos mais conservador. Essa crise talvez tenha gerado algumas demissões de administradores mais afoitos dessas instituições, o que eu acho muito saudável. Esse segmento mais agressivo do mercado financeiro, nem tanto bancos de investimento, mas fundos alavancados em bancos de investimentos, precisam mudar sua atuação. Não é que precisem fazer ajustes como os bancos comerciais tiveram que fazer com o Plano Real. Eu não vejo ninguém quebreando.

• Esses bancos teriam de agir de uma forma mais prudente?

FRANCO: A principal mudança é cultural. Ela vem com a

entrada de bancos estrangeiros no segmento de bancos de investimento. Esses bancos fazem mais investimentos na economia real do que os nossos. Os nossos são bancos de operadores. Os bancos de investimento, num cenário de economia estável, devem ter funções mais ligadas a investimentos, à economia real. Tem muita coisa acontecendo no plano da infra-estrutura, em que alguns bancos de investimento estão participando ativamente e não são geralmente os mesmos que estão participando dessa euforia especulativa.

• O problema seria com a capacidade de alavancagem desses bancos?

FRANCO: Dentro do país já existem várias limitações para a atuação dos bancos de investimento, e talvez a mais importante seja a obediência às regras da Basileia, que é a exigência de capital próprio para determinado tipo de operação. Se você quer especular, especule com o seu próprio dinheiro, não com recursos de terceiros. Regras desse tipo já existem, mas episódios com o dos últimos dias nos leva a pensar em novas regras, de natureza prudencial.

• Seria uma forma de conter a ação dessas instituições?

FRANCO: Sim. Regras desse tipo estimulam o segmento de investimento a se aproximar mais da produção e dos investimentos na economia real, tendo menos incentivo para participar da especulação financeira.

• O senhor poderia adiantar que regras seriam essas?

FRANCO: Não. Eu prefiro não adiantar.

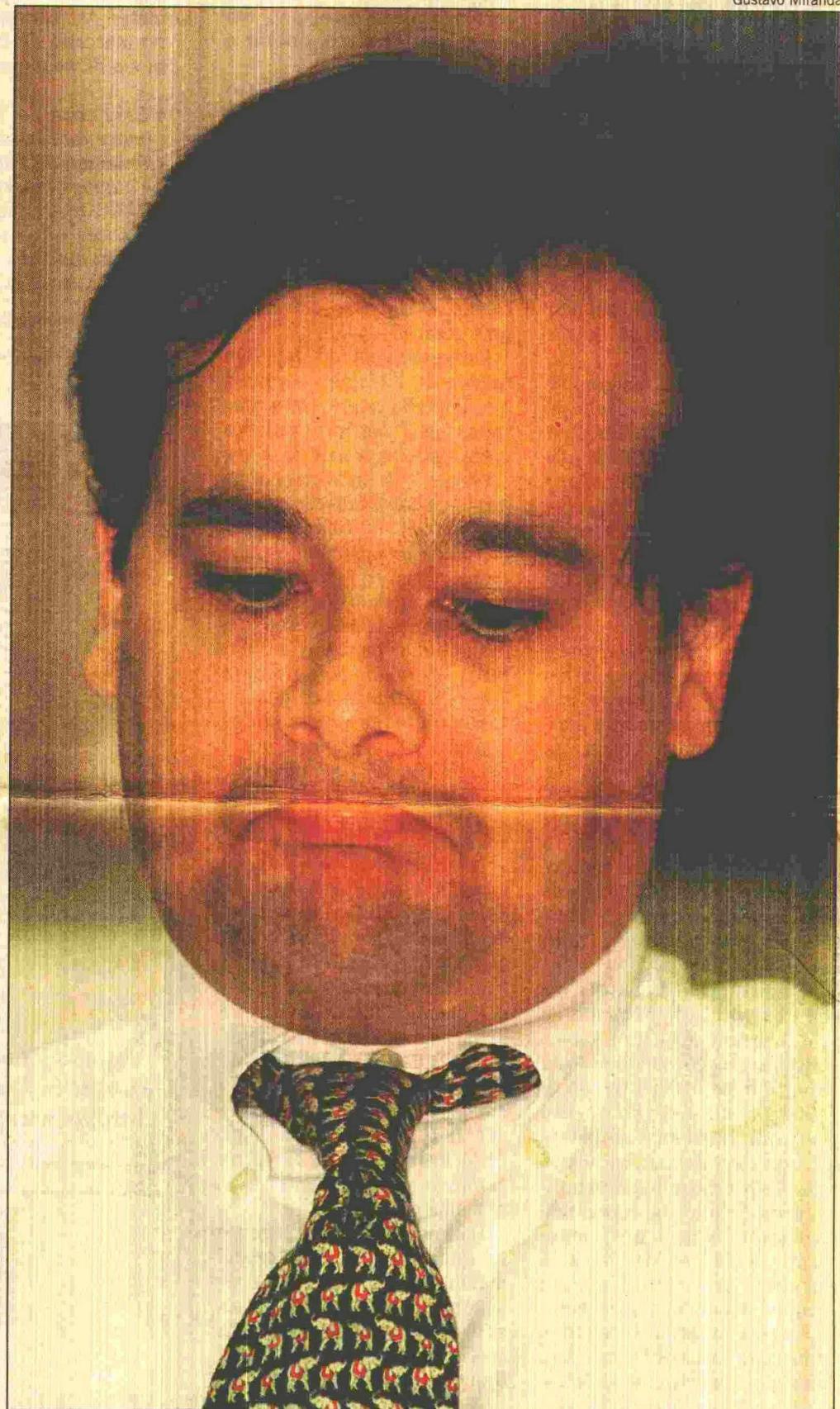
• E quanto à atuação das instituições lá fora, especialmente em paraísos fiscais, onde não há qualquer controle?

FRANCO: Esse problema nos preocupa e a outras autoridades regulatórias. conversei com o banco central dos Estados Unidos e autoridades de outros países, e todos partilham dessa mesma preocupação: com fundos off-shore (em paraísos fiscais) que operam numa terra de ninguém, às vezes nem informando a seus respectivos bancos centrais o que se passa. Nós temos dificuldades de obter informações de nossos bancos sobre suas aplicações off-shore. Fizemos uma norma recente que solicitava dados, que vem sendo encarada com certa resistência. O episódio (a crise) mostrou que nós precisamos saber mais sobre o que acontece off-shore, isso pode ser considerado até uma preocupação internacional, não é só nossa.

• Esse tema foi discutido na última reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI).

FRANCO: Exatamente. Isso reforça um ponto que levamos para discussão internacional em Hong Kong. Não dá para falar em liberdade irrestrita na movimentação de capitais quando existem capitais off-shore que não estão sujeitos a nenhuma espécie de regra prudencial.

• "QUEM DEVE PAGAR O SACRIFÍCIO SÃO ALGUNS SETORES, NÃO TODA A POPULAÇÃO" na página 42



GUSTAVO FRANCO: "Bancos de investimento devem ter funções mais ligadas à economia real"